

Preciado e o pensamento da contrassexualidade (Uma prótese de introdução)*

Rafael Haddock-Lobo **

Para Rômulo Martins Pereira,

por não apenas me estimular a pensar, mas sobretudo por me *ensinar* a contrassexualidade – e a torná-la um tema meu.

Assim, o dildo se torna, pouco a pouco, um vírus que corrompe a verdade do sexo. Não é fiel à natureza dos órgãos. É o servo que se rebela contra o dono e, propondo-se como uma alternativa de prazer, torna irrisória a autoridade deste. Não existe utilização natural do dildo. Não há orifício que lhe esteja naturalmente reservado. A vagina não lhe é mais apropriada que o ânus.

(Beatriz Preciado, *Manifesto Contrassexual*, p. 83)

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em apresentar proteticamente o pensamento da contrassexualidade tal como aparece figurado no *Manifesto Contrassexual*, de (Paul) Beatriz Preciado. Para tanto, tal tarefa só pode ser empreendida apresentando as linhas gerais desse pensamento através de suas heranças, e mostrando em que medida Preciado, herdando os pensamentos de Jacques Derrida, Michel Foucault e Judith Butler, mas também, Donna Haraway, Simone de Beauvoir, Monique Wittig e Teresa de Lauretis, pretende apontar a uma nova direção no que diz respeito ao pensamento do sexo e do gênero, delineando o que se pode chamar de um pensamento “dildológico”.

Palavras-chave: Preciado; contrassexualidade; artificialidade.

* O presente texto foi apresentado pela primeira vez no IFCS/UFRJ, em uma versão bem resumida, no V Colóquio Internacional de Filosofia Política - Micropolíticas, em outubro de 2015, com o título "Considerações para uma micropolítica contrassexual". Uma segunda versão, mais extensa do que a primeira e bem próxima do que aqui se publica, foi apresentada na XVIII Semana de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, em novembro do mesmo ano, com o título "Preciado e o pensamento da contrassexualidade: uma prótese de introdução".

** Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ. Coordenador do Laboratório KHÔRA de Filosofias da alteridade, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: rafael@ifcs.ufrj.br

(Prótese de) Introdução

“*On ne naît pas femmes, on le devient*”: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, escreveu Simone de Beauvoir em seu *Segundo sexo*¹. Contudo, ainda que ecoando essa frase ao escrever esse texto, meu interesse nesse momento, aqui e agora, mais do que sublinhar o segundo da relação, como já o fiz em outros lugares, sobretudo em minhas leituras de Martin Buber, Emmanuel Lévinas e de Jacques Derrida, direciona-se a uma reflexão sobre esse “tornar-se” ao qual alude, de modo extremamente inovador e ainda atual, Beauvoir. Mais do que um pensamento da cultura, será que podemos pensar a sentença feminista como uma prótese de um pensamento *do* artifício?

É nesse sentido que, para além de Simone de Beauvoir e de Judith Butler, e também de Emmanuel Lévinas e de Jacques Derrida, eu gostaria, hoje, de me dedicar a uma filósofa que ensina e encena esse “tornar-se”, tornando-o o cerne de seu pensamento: Beatriz Paul Preciado, ou Paul Beatriz Preciado. Nascido mulher, tornada, por si mesma, homem e que, no intuito de embaralhar essas categorias absolutamente metafísicas, faz de sua *transição* uma experiência radical de pensamento, Preciado parece propor, atualmente, os melhores elementos para se desconstruir o que talvez seja o eixo central de toda a estrutura dualista, opositiva e hierarquizante de nosso pensamento ocidental. Sublinhando o fato de que ele, politicamente, ainda veja a necessidade de se enunciar como “uma filósofa”, pois é urgente que se desconstrua a coincidência implícita e por isso violenta entre o artigo masculino e aquele que se dedica ao pensamento, lemos o seguinte em uma entrevista: “Se sou homem ou mulher? Esta pergunta reflete uma obsessão ansiosa do ocidente. Qual? A de querer reduzir a verdade do sexo a um binômio. Eu dedico minha vida a dinamitar esse binômio. Afirmo a multiplicidade infinita do sexo”².

Com esse movimento, Preciado dá prosseguimento ao que Derrida chamou de “desconstrução da metafísica da presença”³, ou seja, a necessidade de se pensar criticamente o modo de construção desse pensamento que é típico do ocidente e que sempre se constrói a partir da oposição de dualidades, na qual um dos termos sempre será concebido como hierarquicamente superior e que o outro, por ser pensado à luz de uma falta ou de uma negatividade, sempre será concebido como inferior. Além disso, Preciado parece também se inspirar no deslocamento ou na *transição* que Derrida opera, com suas tesouras, em seu próprio pensamento ao enxertar no termo que utilizava em seus primeiros escritos para

¹ BEAUVOIR, 1976, p. 13.

² PRECIADO, 2014, p. 223.

³ Sobre isso, remeto a meu *Derrida e o labirinto de inscrições* (Porto Alegre: ZOUK, 2008).

nomear a metafísica (qual seja, logocentrismo ou fono-logocentrismo), a denúncia de que esse “logos” que caracteriza a presença do sentido é sempre da ordem do “falo”, passando a utilizar, desde então, o termo “falocentrismo” para caracterizar o movimento típico da metafísica ocidental.

Isso permite a Preciado elaborar a hipótese de que, talvez, mais do que um pensamento da *différance*, ou seja, desse princípio de diferencialidade que Derrida se dedica a pensar nas décadas de sessenta e setenta, mais do que isso, se não se levar a sério a diferença sexual como diferença primeira e, portanto, por ser referência implicitamente fundadora de toda a metafísica, o lugar sobre o qual devemos concentrar nossos esforços para desconstruir, esse grande e violento edifício nunca será devidamente posto abaixo. E é nesse sentido que o sistema sexo-gênero é radicalmente pensado, a fim de abalar o traço mais radical da metafísica: a *heteronormatividade*, ou seja, a norma que se cunha nos corpos a fim de torná-los homens ou mulheres, femininos ou masculinos, heterossexuais ou homossexuais, ativos ou passivos e assim por diante, tendo sempre como modelo de cunhagem a diferença sexual como modo de agir e de subjugar um corpo a outro.

É por essa razão que, antes de qualquer coisa, para iniciar um estudo sobre essa heterometafísica ou *cis-logismo*, como ando tentando cunhar (em que o *logos* se sustenta sobre a identidade entre sexo, gênero e orientação sexual), é necessária uma séria e rigorosa atenção ao pequeno e complexo livro inaugural de Preciado: *O Manifesto Contrassexual*. Portanto, é a ele e às suas teses mais gerais que me deterei aqui, a fim de pensar o que poderia ser esse pensamento que não é nem do homem nem da mulher, mas do “tornar-se”, uma desconstrução como um pensamento (do) *trans*: de um certo tornar-se, sobretudo, que nos permitiria experimentar novas práticas sexuais coletivas e que, apenas esse, poderia se opor ao silencioso e violento “tornar-se” ao qual a heteronormatividade nos conduz silenciosamente ao pretender fazer-nos acreditar na absurda ideia de natureza. E ficaria sob os ombros, como um fantasma, a pergunta: e será que um pensamento como esse não seria um pensamento da “mulher” (entre aspas), pensada para-além do dualismo masculino homem-mulher, como de modo tão belo nos ensina Derrida em *Esporas*? Será que um poder desconstrutor como esse de Preciado, não sendo nem ele nem ela, e sendo ele e ela ao mesmo tempo, não viria desse outro lugar, não identitário, para-além do ser, que se afasta do discurso falocêntrico e topográfico do masculino?

RuPaul Charles, a maior diva *dragqueen* de nossos tempos, em “Born naked”, sua música mais recente, diz: “*we’re all born naked and the rest is drag*”⁴. E é esse *drag* que me interessa aqui, isso que é da ordem do *queer* no sentido mais amplo, que vem desse “outro lugar” que muitos, inclusive Derrida, chamou de feminino, ou de “mulher” entre aspas⁵. Mas será que esse outro lugar possui um nome? Será que as aspas não nomeiam mais do que qualquer palavra que se encontre entre elas? E, como última provocação, será que não é esse *drag* que entrevemos no “tornar-se” de Beauvoir, que um pensamento *queer* ou um pensamento do *queer* deveria se debruçar?

O Corpo (do texto)

Passo então a apreciar algumas das sentenças-magistras de Preciado, ou melhor, a tentar traduzir algumas das enigmáticas sentenças de sua *filosofia a golpes de dildo*⁶.

Pois bem: “No princípio era o dildo”⁷. Esse poderia ser um modo protético de se começar: assumindo, desde o início, o caráter de prótese de toda origem. Também seria um modo interessante para se anunciar, desde o começo, que o que me interessa, aqui e agora, é a *plasticidade*: a indecidibilidade, a oscilação e a artificialidade. E talvez mais: pensar a contrassexualidade como tarefa necessária para se pôr em questão aquilo que, na esteira de Derrida e outros, compreendemos por metafísica: como antecipei, um pensamento binário, opositivo e hierarquizante. E será que, antes mesmo da diferença ôntico-ontológica tal como pensada por Heidegger como a diferença fundamental, o que um pensamento como o da *différance* de Derrida não nos faz ver é que talvez, e eu sublinho – sempre – o talvez, a sexualidade seja um problema muito mais sério do que compreende nossa vã *biofilosofia*? Será que a diferença sexual e todos os problemas dela derivados não são a expressão *material* que assombra esse pensar *em e a partir de* oposições?

⁴RuPaul Charles, *Born naked*, presente no álbum homônimo de 2014.

⁵Cf. DERRIDA, J. *Esporas – os estilos de Nietzsche*, tradução de Rafael Haddock-Lobo e Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2013.

⁶ “A contrassexualidade diz: a lógica da heterossexualidade é a do dildo. Esta remete à possibilidade transcendental de dar a um órgão arbitrário o poder de instaurar a diferença sexual e de gênero. O fato de se ter “extraído” do corpo, em forma de dildo, o órgão que institui o corpo como “naturalmente masculino” deve ser considerado como um ato estrutural e histórico decisivo entre os processos de desconstrução da heterossexualidade como natureza. A invenção do dildo supõe o final do pênis como origem da diferença sexual. Se o pênis é para a sexualidade o que Deus é para a natureza, o dildo torna efetiva, no âmbito da relação sexual, a morte de Deus anunciada por Nietzsche. Nesse sentido, o dildo pode ser considerado como um ato reflexivo fundamental na história da tecnologia contrassexual. Torna-se necessário filosofar não a golpes de martelo, e sim de dildo. Já não se trata de romper os tímpanos, mas de abrir os ânus. É preciso dinamitar o órgão sexual, aquele que se fez passar pela origem do desejo, por matéria prima do sexo, aquele que se apresentou como centro privilegiado no qual se toma o prazer ao mesmo tempo que se dá, e como reservatório de reprodução da espécie” (PRECIADO, B. Op.Cit., p. 80).

⁷ Ibidem, p. 23.

Poderia também começar afirmando que só é possível enunciar a contrasexualidade na forma de um *manifesto*. Esse poderia ser um modo político de se começar: assumindo o caráter de *resistência* que se encontra em cada peça, cada conceito, cada artigo que configura um pensamento dessa outra sexualidade que, para além de qualquer *ideal*, já se encontra aqui, agora, diante de nós. E é *em defesa dessa sociedade*, a contrassexual, que o pensamento *precisa* se posicionar, para afirmar a contranatureza como tarefa micropolítica de desconstrução da sexualidade normativa vigente, que nos cunha como seres sempre divididos, genitalmente, em dois grupos e que, por isso mesmo, inaugura, a cada vez, a cada corpo, a matriz hierarquizante dos corpos e a sujeição de uns a outros, mantendo sempre o privilégio ontológico do macho, do masculino, do ativo e assim por diante.

Poderia começar, se ainda quisesse, pensando a contrasexualidade sob a *lógica do enxerto* e vendo na figura da filósofa Paul Preciado, aquela que penetra com seu dildo a desconstrução de Jacques Derrida; aquele que promove enxertos clitorianos na genealogia de Michel Foucault; aquela que faz *fist-fucking* no corpo sem órgãos de Deleuze e Guatarri; aquele que injeta líquidos tóxicos e deforma o pênis e os testículos do corpo lésbico de Monique Wittig; aquela que raspa a cabeça e, masturbando-a, faz gozar o ciborgue de Donna Haraway; aquele que reencena a performance de Judith Butler, mostrando o cu auto-penetrado do travesti por seus sapatos de saltos-dildo. Esse poderia ser um começo *dildotectônico*, ou seja, de fato filosófico, de se começar, pois toda a filosofia poderia ser, então, lida sob a dildológica. Isso também me interessaria bastante já que, como antecipei, em meus termos a metafísica deve ser compreendida como um “*cis-logismo*”.

Ou então, ainda: poderia começar sublinhando que a publicação de Preciado de 2000, na minha opinião, a mais significativa obra filosófica publicada até agora em nosso século, é, na verdade, um contrato a ser assinado, com curta data de validade e com necessária negociação sobre os termos do modelo contratual. Essa seria uma maneira autobiográfica de se começar, pois o que a contrasexualidade pretende mostrar é que tais questões estão aqui e agora encarnadas em corpos que são tidos como pervertidos, nojentos, abjetos, monstruosos, e que, para se contra-assinar o contrato, devemos compartilhar a experiência filosófica que nasce de nossas perversões e monstruosidades, mostrando que a *exceção* é a regra: a sexualidade *straight*, reta e correta, existe apenas numa estranha e sem graça ficção, numa espécie de *hetero-mitologia*, e que os corpos são materiais por excelência *desviados*, cuja cunhagem de retidão consiste apenas na violência da norma, no modelo abstrato de uma falsa transcendentalidade sexual.

Contudo, todos esses quatro, e infinitos outros modos, de se começar a falar da contrassexualidade salientam, em primeira instância, que é de uma *materialidade* que falamos: matéria sim, não natureza; *suplemento*, não origem; e sexo sim, não apenas gênero. E voltaríamos aqui, então, ao dildo. E mais: ressaltando essa materialidade, expressa na defesa do artifício; no caráter micropolítico de resistência de uma sociedade já existente; e na aparência dura e formal de um manifesto, que postula seus provocantes e assertivos artigos, a *dildotécnica* de escrita de Preciado só pode ser lida de modo farmacológico, que, entre veneno e remédio, como *droga*, toma nossos corpos. Mas tal farmacologia deve ser necessariamente lida sob a sombra de uma gargalhada nietzschiana, que, extramoralmente, para além de verdade e mentira, pensa o poder da metáfora como *paródia* – ou como certas “brincadeiras ontológicas”, trazendo aqui à cena o termo de Monique Wittig⁸. E isso, devo antecipar, por tratar de uma contradisciplina, exige uma técnica, um exercício, enfim, uma *experiência* que deve assombrar o pensamento filosófico.

Tendo, por um lado, não começado ainda, mas, por outro, tendo já dito tudo que queria ou poderia dizer, só me resta então a aposta em um proto-começo, nem de fato nem de direito, que nos traga ao menos uma (im)possível definição para isso que seria “a” contrassexualidade, que nada mais é que um contrafluxo de inúmeras sexualidades divergentes, múltiplas e dispersas: “A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. A contrassexualidade é”⁹. *Da-Sein*: Ela é, ela está-aí, ela *existe*, ainda que tal *ek-sistência* se dê nos moldes da ironia, da teatralidade e da paródica ontologia brincalhona: um outro possível nome para uma *fröhliche Wissenschaft*, uma *Gaia Ciência*, fresca, leve e alegre, em uma palavra, lembrando Foucault: um saber *gay*. Nesse sentido, caberia então ao filósofo a tarefa quase-fenomenológica de, em primeiro lugar, descrever essa *choses-mêmes* que é a sexualidade que “sempre escapa” ou que deveria sempre escapar a qualquer conceitualização, para, em um mesmo golpe, golpe esse que, ecoando os tímpanos e tambores de Derrida e de Nietzsche, é ao mesmo tempo *inversão* e *deslocamento*, lutar por essa *contrassociedade*, composta por esses novos proletários de “uma possível revolução contrassexual”¹⁰, nos termos de Preciado, os *trabalhadores do cu*, que na contraeconomia do capitalismo industrial, subvertem-no desde seu lugar *marginal*, de-dentro/de-fora,

⁸ Ibidem, p. 31.

⁹ Ibidem, p. 21.

¹⁰ Ibidem, p. 32.

contaminando-o e, viralmente, mostrando as fendas, as brechas e as brochadas desse regime maquínico e hipocritamente viril que é a sexualidade normatizada.

Por conseguinte, minha tarefa primeira deveria ser a de apresentar, numa hiper-analítica sexo-existencial, os modos de ser disso que provoca o pensamento, a fim de pensar não mais a Metafísica, nos moldes de Aristóteles, como filosofia primeira; e nem a Ontologia Fundamental de Heidegger, nem a Ética de Lévinas: mas, sim, a *dildologia* antes do ente e do ser, que, num duplo gesto como o *rastro* ou *no rastro* de Derrida, se põe antes e, ao mesmo tempo, desconstrói a ideia de anterioridade, promovendo uma espécie de “Redução erótica”, de *epoché* pornô-sexual, que nos obriga a pensar o duplo-genitivo do pensamento da contrasexualidade: depois do ser, depois da desconstrução, devemos conceber o pensamento como aquilo que pensa a contrasexualidade, e que, ao mesmo tempo, é aquilo que a pensa porque é por ela provocado. Isso quer dizer, de modo muito simples: o “sujeito” desse pensamento é também a contrasexualidade, que não poderia nunca ser reduzida a um mero “objeto” – é ela que provoca o pensamento em primeira instância e, nesse sentido, caberia ao filósofo ou à filósofa a tarefa de ouvir o chamado desse outro e deixar-se provocar em suas fendas e fissuras por aquilo que, como diz Derrida, permite a filosofia certos gozos proibidos. E tal é “única tarefa” a que me proponho aqui, ou seja, o objetivo de apenas apresentar uma espécie de “prótese de introdução”, com todos os duplos e mais sentidos possíveis; e não poderia ir mesmo muito além disso, levando em conta a complexidade das peças e membros do pós-corpo contrasexual, que se divide, sem se organizar num só corpo (sem órgãos), em teorias, práticas, exercícios, artigos, contratos e muitos anexos. Por isso, talvez, a única coisa sobre a qual posso aqui me debruçar é a questão: o que é isto – a contrasexualidade? Que coisa é essa? Seria um conceito, um quase-conceito nos termos derridianos? Um *queer*ceito talvez? Mas certamente um *ato*.

E se é um ato, devemos lembrar, ecoando os *estilos de Nietzsche*, que essa é uma palavra sempre plural. Esses *atos*, entre o teatro, a literatura, o sexo e a política, encenam, jogam, põem em obra as obras de Foucault e Derrida de modo inventivo, infiel, crítico e fabuloso, ou seja, fazem esses pensamentos gozar artificialmente, simulando orgasmos e encenando novas coreografias através de enxertos e penetrações que, muito mais do que lhes moldar uma unidade, como que *unindo* Foucault a Derrida, pelo contrário, os ligam de modo precário, rudimentar e monstruoso como deve ser qualquer pensamento (do)anormal, mostrando que não há encaixe que possa ser naturalmente concebível entre esses dois pensadores e que qualquer cópula será necessariamente da ordem do arbitrário, aliás, como

qualquer cópula possível. Num duplo movimento, então, *negativo*, por um lado, se dedicando “a desconstrução sistemática da naturalização das práticas sexuais”¹¹; e *positivo*, por outro, proclamando “a equivalência (e não igualdade) de todos os corpos sujeitos falantes que se comprometem com os termos do contrato sexual dedicado à busca do prazer-saber”¹², Foucault e Derrida tornam-se fonte de inspiração e crítica, pois são os autores dos quais Preciado retira sua matriz teórica, ao mesmo tempo que nunca deixa de sublinhar que a filosofia deve, sim, investir em práticas materiais e concretas de resistência, que, não sendo nem “técnicas de si” nem um pensamento do mundo *porvir*, se aproximariam mais de tecnologias grupais, exercícios sociais que se dedicam a des-moldar os cunhos da normatividade e abrir novas *Bahnungen*, diria Freud, novas vias de escoamento ou de facilitação para uma outra sexualidade, traumática sim, como não poderia deixar de ser, violenta também, é claro, mas contra-maquínica e contra-consciente, acordada por um certo grupo por um certo tempo, forjando uma verdadeira *abertura* nesse ser em transição, esse *fort-da-sein* contrassexual que molda sua contra-existência-sexual por livre escolha, artificialmente, a partir dos outros, e não mais de modo inconsciente e pretensamente *natural* (o pior disfarce do artifício, o mais hipócrita e lascivo, nos termos de um “imaculado conhecimento” nietzschiano). Brevemente: sem a violência exercida pela ideia de *natureza*.

Para tentar aqui fazer justiça ao “espírito da contrassexualidade” (e, como paráfrase do marxismo, o *Manifesto* poderia, também, começar dizendo que um espectro nos ronda hoje, o espectro da contrassexualidade¹³), sinto-me na obrigação de nomear, de modo um pouco menos irresponsável, alguns dos espectros que constituem a *legião* pela qual a contrassexualidade é possuída, ou ao menos alguns de seus nomes, que se apresentam sob a alcunha de Preciado, que, de modo *dia-bólico*, entre-dois, oscilando entre o ele e o ela, obsedia-os e deixa-se obsediar. “O nome contrassexualidade”, diz Preciado, “provém

¹¹ Ibidem, p. 22.

¹² Ibidem.

¹³ E, de fato, de modo enigmático, o Manifesto de Preciado também começa referindo-se a Marx: “Como sempre, em filosofia, é fácil recorrer a exemplos célebres, tirar partido de determinadas escolhas metodológicas ou, pelo menos, encobrir nossos erros apelando para a autoridade da tradição. É sabido que quando Marx iniciou seu *Grundrisse* tudo parecia conduzi-lo a começar sua análise econômica partindo da noção de população. Pois bem, ao pensar sobre a sexualidade eu me encontro hoje diante de um imperativo conceitual semelhante. Tudo parecia indicar que eu deveria enfrentar essa tarefa partindo de noções como gênero ou diferença sexual. Mas vejamos o que Marx fez: para grande surpresa dos filósofos e dos moralistas da época, ele centrou sua análise em torno da noção de ‘mais valia’, evitando assim os paradoxos das teorias precedentes. Tirando partido da estratégia de Marx, esta pesquisa sobre sexo toma como eixo temático a análise de algo que pode parecer marginal: um objeto de plástico que acompanha a vida sexual de certas sapatonas e certos gays *queers*, e que até agora havia sido considerado como uma ‘simples prótese inventada como paliativo da incapacidade sexual das lésbicas’. Estou falando do dildo”. Ibidem, pp. 18-19.

indiretamente de Michel Foucault”¹⁴. Isso porque, para Foucault, “a forma mais eficaz de resistência à produção disciplinar da sexualidade” é a *contraproduktividade*¹⁵. Ou seja, não se trataria de uma luta contra a proibição, como a que marcaria os discursos liberais, mas, ao contrário, uma “produção de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna”¹⁶. É sob esse aspecto que devem ser lidas as inúmeras práticas e experiências propostas no *Manifesto*, como uma espécie de *contradisciplina* ou um conjunto de tecnologias de resistência.

Aliás, tecnologia é algo que deve ser levado bem a sério ao nos aproximarmos do *ato* de contrasexualidade, passando pelas técnicas de si de Foucault, pela tecnologia do gênero de Teresa de Lauretis, até chegarmos ao ciborgue de Donna Haraway. O caráter artificial e repetitivo das tecnologias contrassexuais levam Preciado a afirmar, na esteira do *Manifesto ciborgue* de Haraway, para quem a “Natureza humana” não é nada mais senão “um efeito de negociação permanente das fronteiras entre o humano e o animal, corpo e máquina..., mas também entre órgão e plástico”¹⁷, que mesmo o tripé que sustenta toda e qualquer teoria sexual, ou seja, os conceitos de *desejo*, de *excitação sexual* e de *orgasmo*, tudo isso nada mais é também que um produto dessa maquinaria sexual normativa que nos imprime uma sexualidade diferenciada apenas pela genitalidade, identificando somente os órgãos reprodutivos como sexuais, ou seja, reduzindo a sexualidade à reprodução e, com isso, reprimindo o potencial erótico de corpo sexuado em sua plenitude.

A contradisciplina que Preciado retira da biopolítica de Foucault vai somar-se à desconstrução da metafísica da presença tal como pensada por Derrida desde suas obras da década de sessenta, sobretudo como expressa em *Gramatologia*. A desconstrução dos pares opositivos da metafísica, sempre dualista e hierarquizante, portanto moralista, como antes Nietzsche já havia denunciado, em nome de um movimento de inversão e deslocamento constante, faz com que Preciado desenhe a contrasexualidade como uma “teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade”¹⁸, às quais eu acrescentaria “ativo/passivo”. E, nesse gesto de desconstrução dos dualismos, Preciado atinge em cheio o problema da oposição “sexo/gênero” a partir da noção que Derrida desenvolve na segunda parte da *Gramatologia*,

¹⁴ Ibidem, p. 22.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem, p. 23.

¹⁸ Ibidem, p. 22.

quando fala da escritura como *suplemento* (ou “esse perigoso suplemento”, como diz Rousseau), ou seja, como aquilo que Derrida, alguns anos depois em *O monolingüismo do outro* chamaria de “prótese de origem”. Todos esses gestos derridianos ajudam Preciado, acompanhada das sombras de Foucault, de Lauretis e Haraway, a pensar não apenas a sexualidade como tecnologia, mas, mais ainda, a pensar o que chamamos de prática ou identidade sexual como “máquinas, produtos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios...”¹⁹.

E é nesse momento que o *Manifesto* afirma sua máxima, à qual, enfim, chegamos: “No princípio era o dildo”²⁰. Preciado explica: O dildo (a prótese, o modelo, o “ideal”) antecede ao pênis (ao órgão que se pretende natural, sexuado por excelência, e que se desejaria sempre ereto, como na verdade apenas seu pretense substituto plástico se encontra). Na verdade, é essa prótese *nada original* que inaugura o pênis como órgão sexual, é ela a fonte simbólica de sexualidade da qual o pênis se ergue e, recorrendo a Derrida, Preciado conclui, afirmando que “a contrassexualidade (...) identifica o dildo como o suplemento que produz aquilo que supostamente deve complementar”²¹, seguindo a *gramato-lógica* da desconstrução que mostra que tudo aquilo que tradicionalmente é rebaixado na História da Filosofia por ser secundário, suplementar, artificial e distante é, na verdade, por sua não-verdade, muito mais verdadeiro do que aquilo que se apresenta, sempre ficcionalmente, como o originário, o natural, o próximo, o adequado etc. Preciado, ao analisar o surgimento da indústria de próteses, sobretudo nos Estados Unidos, percebe que aquilo que apenas serviria para substituir o membro original, o pênis no caso específico do dildo, acaba se desprendendo totalmente daquilo de que deveria ser apenas a imitação, e o ultrapassa, ganhando tantas formas, tamanhos, cores, texturas e cheiros (tome-se como exemplo o famoso “Rabbit”), que, por essa utilização “perversa”, não poderiam nem mais ser chamados de “pênis de plástico”. O dildo, como Preciado mostra no capítulo intitulado “A lógica do dildo ou as tesouras de Derrida”²², ultrapassa o pênis como algo da ordem da natureza e da propriedade, porque todo mundo, desde então, pode ter seu próprio pênis, aliás, quantos quiser – o que mostra a precariedade do pênis, que passa a ser visto, não como algo da ordem do poder e da virilidade, como acreditam tanto os machistas como as lésbicas radicais, como algo a ser exaltado ou combatido, mas, diferente disso, a

¹⁹ Ibidem, p. 22-23.

²⁰ Ibidem, p. 23.

²¹ Ibidem.

²² Ibidem, p. 71-87.

dildologia mostra que o pênis nada mais é que um brinquedo como outro qualquer, que todo mundo pode comprar e que ter ou não um órgão reprodutivo masculino não é ter um órgão sexual ontologicamente maravilhoso.

É sob esse aspecto que Preciado, numa referência direta ao Zaratustra de Nietzsche²³, ao dizer que o que a “morte de Deus” representou na cultura ocidental é o mesmo que o dildo representa para o sexo, vai apresentar a “dildo-sapa” como “a última identidade possível”²⁴, ou seja, como o último “lugar” identitário, para-além do qual se deve caminhar, numa espécie de *Übermensch* preciadiano, que Preciado, coerente e surpreendentemente performatiza ao escrever seu livro seguinte: *Testo Yonqui*, *Testo junkie* ou simplesmente viciado em testosterona, uma autobiografia filosófica *qua Ecce homo*, que seria algo próximo à sua leitura da sentença de Píndaro (“como alguém se torna farmacologicamente o que é”), um diário em que Preciado descreve e analisa seu processo de transição, a aplicação hormonal sem supervisão médica e a radicalização da noção de *experiência* que ela antecipa em seu *Manifesto*. Da dildo-sapa como última identidade possível, ao processo de transição para além de qualquer identidade, que, como vimos na entrevista que citei no início é o objetivo “dinamítico” de Preciado, a filosofia torna-se então o lugar por excelência da *performance*, e o corpo do filósofo ou da filósofa passa a ser o instrumento de escritura, de uma escrita com sangue, diria Nietzsche. Mas restaria ainda entender o que seria o performativo contrassexual.

A *gramatologia* ou o pensamento do suplemento que se torna uma *dildologia* é o elemento fundamental que conduz o *Manifesto* à apresentação do sistema sexo/gênero como um “sistema de escritura”. Preciado (lendo Butler lendo Derrida lendo Austin) não apenas segue a desconstrução dos papéis e práticas sociais que naturalmente são atribuídos aos gêneros masculino e feminino, mostrando a diferença sexual como uma “heterodivisão do corpo na qual a simetria não é possível” e que, por isso mesmo, assegura “a exploração

²³ “A contrassexualidade diz: a lógica da heterossexualidade é a do dildo. Esta remete à possibilidade transcendental de dar a um órgão arbitrário o poder de instaurar a diferença sexual e de gênero. O fato de se ter ‘extraído’ do corpo, em forma de dildo, o órgão que institui o corpo como ‘naturalmente masculino’ deve ser considerado como um ato estrutural e histórico decisivo entre os processos de desconstrução da heterossexualidade como natureza. A invenção do dildo supõe o final do pênis como origem da diferença sexual. Se o pênis é para a sexualidade o que Deus é para a natureza, o dildo torna efetiva, no domínio da relação sexual, a morte de Deus anunciada por Nietzsche. Nesse sentido, o dildo pode ser considerado como um ato reflexivo fundamental na história da tecnologia sexual. Torna-se necessário filosofar não a golpes de martelo, e sim de dildo. Já não se trata de romper os tímpanos, mas sim de abrir os ânus. É preciso dinamitar o órgão sexual, aquele que se faz passar pela origem do desejo, por matéria-prima do sexo, aquele que se apresentou como centro privilegiado, no qual se toma o prazer ao mesmo tempo que se dá, e como reservatório de reprodução da espécie”. Ibidem, pp. 79-80.

²⁴ Ibidem, p. 86.

material de um sexo sobre o outro”²⁵, mas, para além disso, quase que parafraseando a língua da desconstrução, afirma:

A contrassexualidade tem como tarefa identificar os espaços errôneos, as falhas da estrutura do texto (corpos intersexuais, hermafroditas, loucas, caminhoneiras, bichas, sapas, bibas, fanchas, *butchs*, históricas, saídas ou frígidas, hermafrodykes...) e reforçar o poder dos desvios e derivações com relação ao sistema heterocentrado”²⁶.

Não se trata de abstração, de modo algum, ainda que Preciado se utilize dos termos escritura e texto – “O que é preciso fazer”, diz, “é sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero”²⁷. Tendo muito bem compreendido o alcance da desconstrução como tarefa desde sempre política, a modificação das posições de enunciação é invocada sob a leitura dos enunciados performativos que Derrida faz de Austin²⁸, e que mais tarde ajudaria Butler a pensar a performatividade “para entender os atos de fala nos quais as sapas, as bichas e os transexuais viram do avesso a linguagem hegemônica, apropriando-se de sua força performativa”²⁹. A estrutura inversão/deslocamento que Derrida descreve em seu *Posições* mostra sua força contradisciplinar quando os termos que antes eram insultos aos corpos “abjetos”, como diz Kristeva, passam a ser utilizados com uma força positiva quase-identitária, mas que, como “a abjeção mesma”, como o “*queer* em si”, apenas retira sua suposta identidade dessa afirmatividade, nunca de uma mesmidade. Mas Preciado vai além: ele/ela quer pensar para além da semântica, pondo em questão a afirmatividade da abjeção nos corpos que farmacologicamente se desconstroem, repensando sob a *economia* do dildo a questão gênero/sexo.

Um exemplo disso encontra-se no capítulo “Breve genealogia do orgasmo ou o vibrador de Butler”³⁰, na retomada da análise encontrada em *Bodiesthatmatter*, corpos que pesam ou que importam, da VenusXtravaganza de *Paris isBurning*. Preciado nos faz ver que, nesse livro, ainda que Butler responda às críticas que recebera em *Gendertrouble* sobre um possível esquecimento da materialidade, o corpo pensado farmacológica e materialmente continua não sendo o que importa ou o que pesa: em suas análises da força performática da Venus, Butler, nos mostra Preciado, não sublinha o fato de que ela não era uma *dragqueen*, mas sim que estava já *em transição*, tomando hormônios, e que, além disso tudo, era pobre, drogada e se prostituía – sendo isso, seu corpo abjeto marcado pelos hormônios, pela pobreza

²⁵ Ibidem, p. 26.

²⁶ Ibidem, p. 27.

²⁷ Ibidem.

²⁸ DERRIDA, 1991.

²⁹ PRECIADO, 2014, p. 28.

³⁰ Ibidem, p. 91-93.

e pela prostituição, a verdadeira razão pela qual ela fora assassinada. Essa hipérbole da análise de Butler leva Preciado a pensar o corpo como performance, sobretudo em sua materialidade fármaco-sócio-político-econômica.

Contudo, é necessariamente a partir de Derrida e Butler que Preciado, nesse eterno retorno do dildo, vai pensar o sistema sexo-gênero. Herdeira de Derrida, para quem a filosofia nunca é da ordem da mera crítica, mas sim da herança, a desconstrução que Preciado opera em Derrida e Butler consiste muito mais em herdar e dar prosseguimento. Se, com relação a Foucault, Preciado nos faz ver que o filósofo francês poderia ter pensado mais radicalmente seu tempo presente e, ao invés de um retorno aos gregos, pensado suas experiências na década de setenta na Califórnia como algo muito mais radical, pois a emergência da cultura *drag*, trans, as sociedades sado-masquistas, o uso do couro e dos dildos fariam ele pensar para além de uma “técnica de si” e ver a importância da experiência grupal como o lugar mais potente de resistência, parece que a crítica/homenagem a Derrida e Butler, esse amor exigente como o próprio Derrida define, insiste sempre em uma chamada à materialidade radical desses corpos ou “Wittigs”, como Preciado mesmo nomeia. A referência ao *The straightmind*, de Monique Wittig que, ao analisar a dimensão de resistência do corpo da lésbica, não caberia, de modo algum no conceito de “corpo da mulher”, entra em cena para, uma vez mais, marcar o corpo como lugar de incisão da heteronormatividade e, portanto, como lugar fundamental para criação de contradisciplina de resistências.

“O gênero se parece com o dildo”³¹, diz Preciado, mostrando que também o gênero deve ser lido a partir dessa lógica do artifício e da prótese, ele é ao mesmo tempo constituído e orgânico, ultrapassa a oposição corpo/alma ou forma/matéria:

Sua plasticidade carnal desestabiliza a distinção entre o imitado e o imitador, entre a verdade e a representação da verdade, entre a referência e o referente, entre a natureza e o artifício, entre os órgãos sexuais e as práticas do sexo. O gênero poderia resultar em uma tecnologia sofisticada que fabrica corpos sexuais.³²

Contudo, como toda máquina, a heteronormatividade também falha, e é nessas brechas e fendas que Preciado justamente se infiltra para mostrar que a sociedade contrassexual já está aí, desconstruindo pelas margens a linha de produção-sexual heteronormatizada, ao contrário do maquinário normativo, que, ainda que saiba que não há produto perfeito (que ninguém é de fato *straight*– o “puro homem” ou a “pura mulher”, reto e correto, sem nenhuma perversão ou “derrapada” – e que toda falha já é constitutiva da própria maquinaria), precisa sublinhar o

³¹ Ibidem, p. 29.

³² Ibidem.

caráter de acidente de todo *desvio*: como se esse “desvio-mor”, desvio esse que não pode não ser visto ou que não consegue se conter “no armário” recebesse sua alcunha de monstruosidade justamente pelo fato de, mesmo sem querer, denunciar o próprio desvio da máquina e, obviamente, o desvio de todos os corpos e de todas as sexualidades. Diz Preciado: “a identidade homossexual, por exemplo, é um acidente sistemático produzido pela maquinaria heterossexual, e estigmatizada como antinatural, anormal e abjeta em benefício da estabilidade das práticas de produção do natural”³³. E é nesse espaço “de paródia e de transformação plástica” que

a bicha, o travesti, a dragqueen, a lésbica, a sapa, a caminhoneira, a *butch*, a machona, a bofinho, as transgêneras, as *F2M* e os *M2F* mostram seu poder performativo como imposturas orgânicas, mutações prostéticas, recitações subversivas de um código sexual transcendental falso.³⁴

A desconstrução que aqui se opera é sobre a concepção de que os órgãos sexuais existem em si mesmos, e pensá-los então como produtos de uma tecnologia que tem já de antemão os moldes do cunho, os chamados “contextos sexuais”, é o que leva a contrassexualidade a apoiar-se sobre um tríplice paradigma de práticas contrassexuais que evidencia esse momento de “mutação pós-humana do sexo” e pode servir de *contracunho* para promover a deformação necessária a um corpo não sexualmente genitalizado. Gostaria de encerrar, então, destacando essas três formas de contradisciplinas sexuais: a primeira é a utilização de dildos, que marca a desconstrução não apenas das zonas erógenas, mostrando sua artificialidade, mas inclusive e sobretudo do sujeito do orgasmo (quem goza? pode um dildo gozar?), trabalhando cada membro do corpo como um dildo em potência que pode, desse modo, penetrar e sentir prazer. A segunda é a erotização do cu, que mostra sua importância por três aspectos: por ser um centro erógeno universal, pois todos temos um; por ser uma zona fundamental de prazer e de passividade; e por ressignificar a sexualidade para além do sistema reprodutor – para Preciado, esse literalmente *vai à merda* quando o cu entra em cena. E em terceiro lugar, o modelo contratual das relações sadomasoquistas, que marcam o fato de que diferentes modelos de pactos podem ser assinados, e que as relações eróticas são sempre de ordem contratual, e sublinham isso simulando os papéis que a heteronormatividade violenta e silenciosamente impõe: num *jogo* de submissão e dominação. É isso que leva Preciado a afirmar que “a sociedade contrassexual se faz herdeira do saber prático das

³³ Ibidem, p. 30.

³⁴ Ibidem, p. 30-31.

comunidades S&M e adota o contrato contrassexual temporal como forma privilegiada para estabelecer uma relação contrassexual”³⁵.

Dildageminterruptus

E eu paro por aqui: sabendo que violentei meu tempo, que violentei a própria tentativa de apresentação artificial e dissimulada, e que apresentei um texto que se assemelha mais à paródia do que a representação, mas que seria, então, por isso mesmo, uma espécie de *dildo-texto*. E encerro assim, abruptamente, com minhas tesouras, pois, bem como a origem e o começo, a conclusão (e, portanto, o orgasmo) também são da ordem do *suplemento*; paro aqui como se trabalhasse arduamente na tentativa de masturbar um braço até que a mão não aguentasse mais. *Dildageminterruptus*, diz Preciado. “Sempre”³⁶.

Suplemento³⁷

CONTRATO CONTRASSEXUAL (MODELO)

EU,, voluntária e corporalmente, renuncio à minha condição natural de homem [] ou de mulher [], a todo privilégio (social, econômico, patrimonial) e a toda obrigação (social, econômica, reprodutiva) derivados de minha condição sexual no âmbito do sistema heterocentrado naturalizado. ¶ RECONHEÇO-ME e reconheço os outros como corpos falantes e aceito, de pleno consentimento, não manter relacionamentos sexuais naturalizantes nem estabelecer relações sexuais fora de contratos contrassexuais temporário e consensuais. ¶ RECONHEÇO-ME como um produtor de dildos e como transmissor e difusor de dildos sobre meu próprio corpo e sobre qualquer outro corpo que assine esse contrato. ¶ RENUNCIO de antemão a todos os privilégios e a todas as obrigações que poderiam derivar das posições desiguais de poder geradas pela reutilização e a reinscrição do dildo. ¶ RECONHEÇO-ME como um ânus e como um trabalhador do cu. ¶ RENUNCIO a todos os laços de filiação (maritais ou parentais) que me foram atribuídos pela sociedade etnocentrada, assim como aos privilégios e às obrigações que deles derivam. ¶ RENUNCIO a

³⁵ Ibidem, p. 33.

³⁶ Ibidem, p. 54.

³⁷ A primeira parte do livro (“Contrassexualidade”) é composta por uma apresentação teórica (“O que é a contrassexualidade?”), o esboço paródico dos “Princípios da sociedade contrassexual”, composto por artigos que expõem as contra-convenções da SC, e termina com um modelo não menos provocativo de contrato contrassexual, o qual, a título de curiosidade (pois em termos de sexualidade, curiosidade é obviamente fundamental), reproduzo na íntegra a seguir, em forma de apêndice. Ibidem, p. 44-45.

todos os meus direitos de propriedade sobre meus fluxos seminais ou produções de meu útero. Reconheço meu direito de usar minhas células reprodutivas unicamente no âmbito de um contrato livre e consensual, e renuncio a todos os meus direitos de propriedade sobre o corpo falante gerado por tal ato de reprodução.

O presente contrato é válido por meses (renovável)

....., de de

.....

Assinatura

Preciado and the thought of counter-sexuality (an introduction prothesis)

Abstract: This article aims to provide what it is prosthetically present in the Thought of countersexuality, as it is figured at (Paul) Beatriz Preciado's *Counter-sexual Manifesto*. Therefore, this task can only be undertaken by presenting the outlines of that thought through its inheritances. That is, showing that Preciado, as inheriting the thoughts of Jacques Derrida, Michel Foucault and Judith Butler, but also Donna Haraway, Simone de Beauvoir, Monique Wittig and Teresa de Lauretis, intends to point to a new direction with regard to the thought of sex and gender. In other words, what we are proposing here is a brief outlining of what might be called a dildological thought.

Key-words: Preciado; counter-sexuality; artificiality.

Referências bibliográficas

BEAUVOIR, S. *Le Deuxième Sexe*, t. II. Paris: Éd. Folio, 1976;

DERRIDA, J. "Assinatura acontecimento contexto". In: *Margens da filosofia*. Campinas: Papirus, 1991;

PRECIADO, B. *Manifesto contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual*, tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

Recebido em: 08/04/2016 – *Received in:* 04/08/2016

Aprovado em: 11/05/2016 – *Approved in:* 11/05/2016